

RESULTADOS PRINCIPAIS

O inquérito *EU Kids Online*

- Este relatório apresenta os resultados completos de **um inquérito inédito**, concebido e conduzido pela rede *EU Kids Online*, de acordo com rigorosos *standards*. Foi financiado pelo Programa Safer Internet da Comissão Europeia de modo a consolidar a base empírica para políticas de segurança na internet.
- Foi entrevistada uma amostra aleatória estratificada de **25.142 crianças**, com idades entre os 9 e os 16 anos, utilizadoras da internet, e um dos seus pais, na Primavera/Verão de 2010 em 25 países europeus.
- O inquérito investigou alguns riscos online fundamentais: pornografia, *bullying*, receber mensagens de cariz sexual, contactar com pessoas desconhecidas, encontros com pessoas que se conheceu pela internet, conteúdos potencialmente nocivos criados por utilizadores e abuso de dados pessoais.
- Neste relatório, '**crianças**' refere-se a **crianças e jovens dos 9 aos 16 anos utilizadores da Internet em toda a Europa**. 'Usar a internet' significa qualquer dispositivo e quaisquer lugares onde acedem à internet.

Usos e actividades online

- O uso da internet está totalmente integrado na vida quotidiana das crianças: 93% dos utilizadores dos 9 aos 16 anos acedem pelo menos uma vez por semana (60% usam todos os dias ou quase todos os dias).
- As crianças estão a começar a usar a internet cada vez mais novas – a média de idades do primeiro uso da internet é de sete anos na Dinamarca e na Suécia e de oito noutros países do Norte da Europa. Em todos os países, um terço das crianças com 9 ou 10 anos que usam a internet fazem-no diariamente, o que

aumenta para os 80% entre os jovens com 15 ou 16 anos.

- A internet é mais usada em casa (87%), seguindo-se a escola (63%). Mas o **acesso à internet está-se a diversificar** – 49% usam-na no seu quarto e 33% através de um telemóvel ou outro dispositivo móvel. O acesso por dispositivos móveis ultrapassa um em cinco casos na Noruega, Reino Unido, Irlanda e Suécia.
- As crianças têm muitas actividades online, potencialmente benéficas: as crianças dos 9 aos 16 anos usam a internet para o trabalho escolar (85%); jogam (83%); vêem *clips* de vídeo (76%); e trocam mensagens instantâneas (62%). São menos as que publicam imagens (39%) ou que partilham mensagens (31%), as que usam uma *webcam* (31%), sites de partilha de ficheiros (16%) ou blogues (11%).
- 59% das crianças dos 9 aos 16 anos têm um perfil numa rede social – incluindo 26% com 9 ou 10 anos, 49% dos que têm 11 ou 12 anos, 73% dos de 13 ou 14 anos e 82% dos 15 ou 16 anos. As redes sociais são mais populares na Holanda (80%), Lituânia (76%) e Dinamarca (75%); e menos na Roménia (46%), Turquia (49%) e Alemanha (51%).
- Entre os utilizadores de redes sociais, 26% têm perfis públicos – mais na Hungria (55%), Turquia (46%) e Roménia (44%); 29% têm mais de 100 contactos, embora muitos tenham menos. 43% têm perfis privados de forma a que só os seus amigos possam vê-los, e outros 28% declaram que o seu perfil é parcialmente privado de modo a que os amigos de amigos ou redes possam também vê-lo. Note-se que 26% refere que o seu perfil é público e que qualquer pessoa o pode ver.

Competências digitais

- Mais uso poderá facilitar a literacia digital e as competências de segurança. Um

terço das crianças com 9 a 16 anos (36%) diz que a afirmação “Eu sei mais sobre a internet do que os meus pais” é ‘muito verdadeira’, um terço (31%) diz que é ‘algo verdadeira’ e um terço (33%) diz que ‘não é verdadeira’ no seu caso.

- **As crianças mais novas tendem a ter falta de competências e confiança.** Contudo, a maioria dos jovens com 11 a 16 anos consegue bloquear mensagens de pessoas que não desejam contactar (64%) ou encontrar conselhos de segurança *online* (64%). Cerca de metade consegue alterar as definições de privacidade num perfil de rede social (56%), comparar websites para avaliar a sua qualidade (56%) ou bloquear *spam* (51%).

Riscos e danos

O risco não resulta necessariamente em dano, como reportaram as crianças. As crianças que utilizam a internet foram questionadas sobre se tinham encontrado um leque de riscos *online* e, depois, se tinham ficado incomodadas por isso. ‘Incomodado’ foi definido como algo que “te fez sentir desconfortável, perturbado, ou pensar que não devias ter visto aquilo”. Os resultados variam por criança (por exemplo, com a idade e o género), por país e por tipo de risco, por isso as generalizações devem ser tratadas com cuidado.

- **12% das crianças europeias dos 9 aos 16 anos dizem que já se sentiram incomodadas ou perturbadas por alguma coisa na internet.** Isto inclui 9% das crianças com 9 ou 10 anos. No entanto, a maioria das crianças não referiu ter ficado incomodada ou perturbada no seu uso do *online*.

- **Os riscos não são necessariamente experienciados pelas crianças como desconfortáveis ou nocivos.** Por exemplo, uma em cada oito crianças respondeu já **ter visto ou recebido imagens de cariz sexual *online*** mas isso só constituiu uma experiência nociva para algumas.

- **Pelo contrário, ser alvo de *bullying online*** através de mensagens desagradáveis ou prejudiciais é um risco bastante mais raro, vivido por uma em cada 20 crianças, mas o risco que as parece incomodar mais.

- **Mais ainda, apenas uma em cada 12 crianças encontrou-se *offline* com um contacto *online*, e este risco também raramente apresenta uma consequência danosa, segundo as crianças.**

- Os rapazes, sobretudo adolescentes, estão mais expostos a imagens sexuais *online*, enquanto as raparigas adolescentes têm um

pouco mais de probabilidade de receberem mensagens *online* maldosas ou desagradáveis. **As raparigas parecem sentir-se mais incomodadas do que os rapazes pelos riscos por que passam.**

- O inquérito abordou vários riscos, detalhados acima. Considerando todos, 41% das crianças europeias com 9 a 16 anos já encontrou um ou mais desses riscos.

- **Os riscos aumentam com a idade:** 14% das crianças com 9 ou 10 anos deparou-se com um ou mais desses riscos, subindo para 33% dos que têm 11 ou 12 anos, 49% dos 13 ou 14 anos e 63% dos jovens com 15 ou 16 anos.

Pornografia

- **14% das crianças dos 9 aos 16 anos viram nos últimos 12 meses imagens *online* que eram “obviamente sexuais – por exemplo, mostrando pessoas nuas ou a ter relações sexuais”.**

- Das que viram imagens sexuais ou pornográficas *online*, uma em três ficou incomodada pela experiência e, destas, metade (isto é, 1/6 das que foram expostas a imagens sexuais, cerca de 2% de todas as crianças) sentiu-se bastante ou muito perturbada pelo que viu.

- **Numa análise por todos os media, 23% das crianças viram conteúdos sexuais ou pornográficos nos últimos 12 meses – com a internet agora como uma fonte de pornografia tão comum como a televisão, o cinema ou o vídeo.**

- Os adolescentes mais velhos têm quatro vezes mais probabilidades do que as crianças mais novas de ter visto pornografia *online* ou *offline* e as imagens sexuais que viram *online* são mais explícitas. Contudo, **as crianças mais novas sentem-se mais incomodadas ou perturbadas por imagens sexuais *online*.**

- **53% das crianças que ficaram incomodadas por ver imagens sexuais *online* falaram disso a alguém da última vez que isso aconteceu** – 33% disseram a um amigo, 25% disseram ao pai ou à mãe. Contudo, 25% apenas deixaram de usar a internet por uns tempos e poucos mudaram as suas definições de filtros ou contactos.

Bullying

- **Em relação ao *bullying online*, 6% das crianças dos 9 aos 16 anos já recebeu mensagens maldosas ou desagradáveis, e 3% enviaram esse tipo de mensagens.** Mais de

metade das que receberam mensagens de *bullying* ficaram bastante ou muito incomodadas.

- Uma vez que 19% foram vítimas de *bullying online* e/ou *offline* (comparados com 6% *online*), e 12% exerceram *bullying* sobre outra pessoa no último ano (comparados com 3% *online*), **parece ocorrer mais *bullying offline* do que *online*.**

- A maioria das crianças que recebem mensagens *online* maldosas ou desagradáveis pediu apoio a alguém: apenas um quarto não falou a ninguém. Seis em cada dez usaram também estratégias *online* – apagar mensagens ofensivas ou bloquear o agressor, medida vista pelas crianças como eficaz.

‘Sexting’

- **15% dos jovens de 11 a 16 anos receberam de amigos “mensagens ou imagens de cariz sexual ... [ou seja] falar sobre ter sexo ou imagens de pessoas nuas ou a ter relações sexuais”, e 3% diz ter enviado ou colocado *online* conteúdos desse tipo.**

- Dos que já receberam mensagens destas, quase um quarto ficou incomodado por isso. Mais, dos que ficaram incomodados, quase metade ficou bastante ou muito perturbado. Por isso, de uma maneira geral, um oitavo dos que receberam essas mensagens (cerca de 2% de todas as crianças) ficou bastante ou muito perturbado com as mensagens de cariz sexual.

- Entre os que ficaram incomodados pelo ‘sexting’, cerca de quatro em dez bloqueou a pessoa que lhes enviou as mensagens (40%) e/ou apagou as mensagens indesejadas (38%). Na maioria dos casos, a criança declarou que esta acção ajudou a situação. Estas reacções construtivas poderiam ser encorajadas entre mais crianças.

Conhecer *offline* pessoas conhecidas *online*

- A **actividade de risco *online* mais comum** declarada pelas crianças é comunicar com novas pessoas que não conhecem cara-a-cara. **30% das crianças europeias dos 9 a 16 anos que usam a internet já comunicaram com alguém que não conheciam cara-a-cara, uma actividade que pode ser arriscada mas que também pode ser divertida.**

- É **muito mais raro** que as crianças se encontrem *offline* com pessoas que conheceram *online*. **9% das crianças encontraram-se *offline* com pessoas que conheceram *online* no último ano. 1% de todas as crianças** (ou seja,

uma em nove das que foram a um desses encontros) ficou incomodada com o encontro.

- Apesar de as crianças de 9 e 10 anos terem menos probabilidade de ter encontrado *offline* pessoas que conheceram *online*, têm maior probabilidade de ter ficado incomodadas com o que aconteceu (31% dos que foram a um encontro).

Outros riscos

- O segundo risco mais comum é a exposição a conteúdos potencialmente nocivos criados por utilizadores. **21% dos jovens de 11 a 16 anos já foram expostos a um ou mais tipos desses conteúdos: de ódio (12%), pró-anorexia (10%), auto-mutilação (7%); consumo de drogas (7%); e suicídio (5%).**

- **9% das crianças dos 11 aos 16 anos foram vítimas de usos indevidos dos seus dados pessoais – password (7%), informação pessoal (4%), e fraudes monetárias (1%).**

- **30% dos jovens de 11 aos 16 anos declaram uma ou mais experiências ligadas ao uso excessivo da internet, situação que acontece ‘bastante’ ou ‘muito frequentemente’** (por exemplo, negligenciando amigos, trabalho escolar ou sono).

Diferenças entre países

- **Comparando os países, a exposição a um ou mais riscos inclui cerca de seis em dez crianças na Estónia, Lituânia, Noruega, República Checa e Suécia.** Encontrou-se uma menor incidência de risco na Turquia, em Portugal e na Itália.

- As crianças têm mais probabilidade de dizer que foram incomodadas ou perturbadas por alguma coisa da internet na Dinamarca (28%), Estónia (25%), Noruega e Suécia (23%) e Roménia (21%); têm menor probabilidade de dizer o mesmo na Itália (6%), em Portugal (7%) e na Alemanha (8%).

- Quanto mais as crianças de um país usam a internet todos os dias, mais dizem já ter encontrado um ou mais riscos. Contudo, **mais uso também traz mais oportunidades e, sem dúvida, mais benefícios.**

- São as crianças da Lituânia, República Checa, Estónia, França e Suécia que declaram uma maior gama de actividades *online*, enquanto as da Irlanda e da Turquia declaram menos. Por outras palavras, o uso da internet acarreta tanto riscos como oportunidades, e a sua separação não é fácil de traçar.

Conhecimento dos pais

▪ Os pais de crianças que já viveram um dos riscos apontados não se apercebem frequentemente disso:

- 40% dos pais cujos filhos já viram imagens sexuais *online* afirmam que eles não as viram;
 - 56% dos pais cujos filhos receberam mensagens desagradáveis ou prejudiciais *online* respondem que eles não as receberam;
 - 52% dos pais de crianças que receberam mensagens sexuais declaram que elas não as receberam;
 - 61% dos pais cujas crianças se encontraram *offline* com um contacto *online* desconhecem esse facto.
- Ainda que a incidência destes riscos afecte um pequeno número de crianças em cada caso, destaca-se o elevado nível de desconhecimento dos pais.

Mediação parental

▪ A maioria dos pais declara falar com os filhos sobre o que estes fazem na internet (70%) e ficar por perto quando a criança está a utilizar a internet (58%). Mas, segundo as crianças, um em cada oito pais (13%) parece não fazer nenhuma das formas de mediação que lhe foram perguntadas.

▪ Mais de metade dos pais tem uma intervenção positiva, como sugerir à criança como se comportar com outros quando se está *online* (56%), falar sobre coisas que a podem incomodar (52%), e tê-la ajudado quando surgiu algum problema (36%).

▪ Os pais também restringem a partilha de informação pessoal das crianças (85%), a partilha de conteúdos (63%) e os downloads (57%).

▪ Metade dos pais verifica mais tarde a utilização da internet do seu filho, sendo esta a estratégia menos frequente, em comparação com o apoio positivo, as orientações de segurança ou criação de regras sobre o uso da internet.

▪ O uso de ferramentas técnicas de segurança é relativamente baixo: pouco mais de um quarto dos pais bloqueia ou filtra sites (28%) e/ou monitoriza os sites visitados pelo seu filho (24%).

▪ Crianças e pais consideram a mediação parental útil, especialmente as de 9 a 12 anos.

▪ A maioria dos pais (85%) confia no seu papel, sentindo que pode ajudar a criança se esta encontrar algo que a incomode *online*. Os pais confiam também na capacidade da criança para lidar com coisas *online* que a possam incomodar (79%), e 15% afirma que exercem uma mediação de forma diferente devido a algo que incomodou a criança no passado.

▪ Dois terços das crianças (68%) pensa que os seus pais sabem muito ou bastante sobre o uso da internet dos mais novos. Contudo, 29% dizem ignorar um pouco os seus pais e 8%, ignorá-los bastante.

▪ Menos de metade (44%) das crianças pensa que a mediação parental limita o que fazem *online*, com 11% a dizer que limita bastante as suas actividades. Os jovens de alguns países sentem-se bastante mais restringidos pela mediação parental (por exemplo na Turquia, Irlanda e Bulgária) do que de outros (por exemplo, Hungria e Países Baixos). 15% prefeririam que os seus pais fizessem um pouco ou bastante mais, e 12% preferiria que os seus pais fizessem menos em relação ao seu uso da internet.

▪ Muitos pais (73%) acreditam que não é muito provável que o seu filho encontre algo que o incomode nos próximos seis meses.

Outras fontes de conselhos sobre segurança

▪ Cerca de metade das crianças pensa que os seus professores se envolveram com o seu uso da internet na maioria das perguntas sobre mediação na escola; 73% afirmam que os professores fizeram pelo menos uma forma de mediação activa questionada.

▪ As diferenças de idade merecem atenção: o envolvimento dos professores com o uso da internet é menor entre as crianças de 9 e 10 anos.

▪ Há um grau razoável de variação nacional no papel desempenhado pelos professores, dos 97% de professores na Noruega que se envolvem com a utilização da internet pela criança a um mínimo de 65% na Itália.

▪ Três quartos (73%) das crianças dizem que os seus pares os ajudaram ou apoiaram no seu uso da internet pelo menos em uma das cinco formas perguntadas.

▪ Os pares têm maior probabilidade de mediar de uma forma prática, ajudando-se uns aos outros a fazer ou a descobrir algo quando surge uma dificuldade.

▪ 44% das crianças declaram ter recebido alguma orientação sobre uso seguro

da internet dos seus amigos, e 35% diz que também deu conselhos a amigos.

- Comparando os países sobre fontes de conselhos de segurança *online*, parece que a maior parte do aconselhamento é recebida dos pais (63%), depois dos professores (58%) e depois dos pares (44%).

- No entanto, para os adolescentes mais velhos e para as crianças de lares com estatuto sócio-económico mais baixo, o aconselhamento dos professores supera o dos pais.

- Outros familiares (47%) são geralmente tão importantes como os pares a oferecer conselhos às crianças para uma utilização segura da internet.

- A informação recebida pelas crianças pelos tradicionais *media* de massas (20%) vem depois, com as fontes *online* a serem usadas ainda menos (12% obtiveram conselhos de segurança em websites).

- Os pais obtêm conselhos sobre segurança na internet sobretudo da família e de amigos (48%), depois dos *media* tradicionais (32%), da escola dos filhos (27%), dos fornecedores de internet (ISP) (22%) e dos sites (21%).

- Apenas cerca de 9% dos pais afirma não querer mais informação sobre segurança na internet. Muitos pais querem bastante mais informação sobre segurança na internet do que a que recebem da escola dos filhos e, em menor grau, de produtores e distribuidores.

Implicações para as políticas

Os resultados têm implicações para vários agentes envolvidos na segurança de crianças e jovens na internet:

- A prioridade para aumentar a consciencialização dos pais deveria ser alertá-los para a natureza dos riscos que os filhos podem encontrar *online*, encorajando ao mesmo tempo o diálogo e uma melhor compreensão de parte a parte em relação às actividades *online* dos jovens.

- Os pais prefeririam obter informação sobre segurança na internet em primeiro lugar da escola do filho, por isso mais esforços deveriam ser conduzidos pelo sector educativo. Contudo, uma vez que o uso que os pais e as crianças fazem das ferramentas da indústria (como informação de segurança *online*, filtros, botões de relato de abusos etc) é relativamente baixo, a indústria deveria promover uma maior consciencialização pública, confiança e facilidade de uso.

- À medida que o uso da internet se torna mais personalizado, o papel de pais e dos professores torna-se mais difícil. Isto coloca uma **maior responsabilidade na indústria** para gerir a natureza dos riscos que as crianças encontram, e para garantir que têm as ferramentas de que precisam para os evitar ou para lidar com os danos. Também onera as crianças com uma maior responsabilidade pela sua própria segurança. Assim, as mensagens de segurança na internet deveriam procurar promover a confiança, a resistência e as **competências de cidadania digital entre as crianças**.

- Os **esforços da indústria** para apoiar conteúdos positivos bem como a segurança na internet devem aperfeiçoar-se. As ferramentas técnicas para bloquear, relatar e filtrar devem também ser pedras angulares das políticas da indústria para protecção das crianças, havendo necessidade de aumentar o conhecimento sobre esses mecanismos e de melhorar a sua acessibilidade e usabilidade para ajudar uma melhor adopção por pais e crianças.

- **As crianças** também devem ser encorajadas a assumir responsabilidade pela sua própria segurança, tanto quanto possível com um foco no *empowerment*, enfatizando um comportamento responsável e a cidadania digital.

- Já que muitas crianças não declaram ter encontrado os riscos inquiridos, com ainda menos a declarar ter sido incomodadas ou perturbadas pelas suas experiências *online*, as futuras políticas de segurança deverão endereçar recursos e orientação para onde são particularmente necessárias – especialmente para **crianças mais novas** que utilizam a internet. Na verdade, é vital um novo foco para as políticas, para aumentar a consciencialização e para que as medidas de apoio traçadas se adequem às necessidades de utilizadores da internet muito mais novos, especialmente por escolas primárias.

- **O treino de competências digitais** precisa de uma ênfase e de uma actualização contínuas, em termos de formação, de dispositivos de segurança e de aplicações, para garantir que todas as crianças alcancem um nível básico mínimo e para evitar que existam crianças digitalmente isoladas e incompetentes. Este treino deveria também procurar alargar a gama de actividades desenvolvidas pelas crianças, já que muitas fazem um uso limitado das oportunidades criativas *online*.

- Mais ainda, já que menos de metade das crianças e jovens de 9 a 16 anos declara estar muito satisfeito com o nível de provisão *online* de que dispõe, com um valor ainda mais baixo entre crianças mais novas, há uma responsabilidade de

todos os agentes para assegurar **uma maior disponibilidade de conteúdos positivos adequados à idade** para as crianças, especialmente em comunidades linguísticas pequenas.

Notas sobre metodologia

- Este relatório é resultado do **trabalho da rede EU Kids Online**, coordenada pela LSE, com equipas de investigação e consultores de *stakeholders* em cada um dos 25 países e um painel consultivo internacional.

- Os resultados iniciais deste relatório foram apresentados no Safer Internet Forum no dia 21 de Outubro de 2010. O presente relatório apresenta os resultados completos do inquérito para os 25 países.

- **Os países incluídos no EU Kids Online são:** Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Lituânia, Noruega, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Roménia, Suécia e Turquia. A menos que os países estejam especificados, os resultados são médias ponderadas por todos os países.

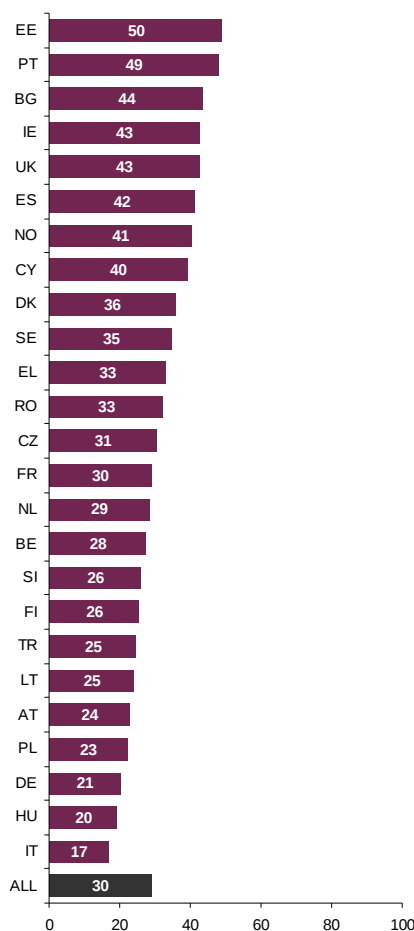
- Reconhece-se que é particularmente difícil medir os aspectos privados ou perturbantes das experiências da criança. O inquérito foi conduzido nas suas casas, numa entrevista cara-a-cara. Incluiu uma secção de auto-preenchimento para perguntas sensíveis para evitar que fossem ouvidas pelos pais, por outros membros da família ou pelo entrevistador.

- Para **detalhes completos da metodologia do projecto**, materiais, relatório técnico do trabalho de campo e ética da investigação, consulte www.eukidsonline.net.

PORTUGAL

- **78% das crianças portuguesas entre 9 e 16 anos usam a internet.**
- **As crianças e jovens portugueses estão entre as crianças europeias que *acedem mais à internet nos seus quartos (67%)* do que noutros lugares da casa (26%),** uma diferença mais acentuada do que a média europeia (respectivamente 49 e 38%).
- **Portugal é um dos países com menor incidência de riscos,** abaixo da média europeia (12%): **apenas 7%** das crianças e jovens declarou já se ter deparado com riscos como pornografia, *bullying*, mensagens de cariz sexual, contacto com desconhecidos, encontros *offline* com contactos *online*, conteúdo potencialmente nocivo gerado por utilizadores e abuso de dados pessoais.
- Contudo, Portugal é um dos países onde **mais crianças e jovens declaram** já ter sentido bastantes vezes que estavam a **fazer um uso excessivo da internet (49%),** muito acima da média europeia (30%).
- Apenas 13% crianças e jovens declaram ter visto **imagens sexuais** em sites, e apenas 4% dos pais acham que os filhos já as encontraram.
- **Entre as crianças e jovens que viram imagens sexuais, uma em quatro declara ter ficado incomodada com isso.**
- O **risco de *bullying online*** foi referido apenas por 2% das crianças e jovens, sendo **menor do que o ocorrido presencialmente (9%),** e ambos estão abaixo da média europeia (respectivamente 6 e 19%).
- Entre as crianças e jovens, **5% respondeu já ter ido a encontros com pessoas que conheceu *online*** e 16% diz manter contactos com essas pessoas, abaixo da média europeia, respectivamente 9% e 30%.
- **59% das crianças e jovens têm um perfil numa rede social.** Destas, 34% tem até 10 contactos e 25% até 50. Entre os jovens utilizadores de redes sociais, 25% tem o perfil público, enquanto 7% partilham a morada ou número de telefone (estão entre os que menos o fazem em comparação com as crianças europeias).

Uso excessivo da internet



Crianças (11-16 anos) que experienciaram uma ou mais formas de uso excessivo da internet, por país, 'muito ou bastante frequentemente' (%)

Que coisas na internet podem incomodar pessoas da tua idade?

"O excesso de violência, de pornografia, de produtos comerciais totalmente incomodativos e penso que a União Europeia devia usar o seu poder a nível informático para bloquear sites que todos nós conhecemos onde podemos encontrar estes conteúdos." (rapaz, 15 anos)

"Nas minhas redes sociais aparecer uma pessoa que eu não conheço a falar comigo e ameaçarem-me ou também adicionarem como amigo sem saberem quem eu sou, só me adicionarem só por conhecerem um amigo meu por exemplo, mas não quer dizer que seja só isto que me incomoda." (rapariga, 10 anos)